

A QUESTÃO DA AUSÊNCIA PATERNA NA ÉPICA HOMÉRICA: A IDADE ADULTA DE TELÊMACO E DIOMEDES*

Alexandre Santos de Moraes **

Resumo:

O artigo analisa a importância que a poesia homérica atribui à paternidade. Através da análise das representações de Diomedes e Telêmaco, observaremos o impacto da ausência paterna na transição da juventude para a idade adulta.

Palavras-chave: Paternidade; poesia homérica; relações de parentesco, idade adulta.

No Canto VI da **Iliada**, em meio aos conflitos, Héctor encontra sua esposa Andrômaca e seu filho recém-nascido, Astianáx. O menino se assusta com a armadura brônzea do pai, fazendo o casal rir da situação. O príncipe troiano retira o elmo, beija e abraça o filho para, em seguida, dirigir a Zeus e aos outros deuses a seguinte prece:

*Ζεῦ ἄλλοι τε θεοὶ δότε δὴ καὶ τόνδε γενέσθαι
παῖδ' ἐμὸν ὡς καὶ ἐγὼ περ ἄριπρεπέα Τρώεσσιν,
ὄδε βίην τ' ἀγαθόν, καὶ Ἰλίου ἴφι ἀνάσσειν:
καὶ ποτέ τις εἴποι πατρός γ' ὄδε πολλὸν ἀμείνων
ἐκ πολέμου ἀνιόντα: φέροι δ' ἔναρα βροτόεντα
κτείνας δῆϊον ἄνδρα, χαρεῖη δὲ φρένα μήτηρ.*

* Recebido em 10/08/2014 e aceito em 23/09/2014.

** Professor adjunto de História Antiga do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA/UFF) e do Laboratório de História Antiga (Lhia/UFRJ).

*Óh Zeus e demais numes, concedei vós que venha a ser
meu filho tal como eu, dentre os troianos o melhor,
que pela força e nobreza em Ílion seja governante.
E que os homens vindouros digam “é melhor que o pai”
quando do prélio regresso. Que traga os sangrentos despojos
do inimigo que matou e que alegre o coração de sua mãe.*

(HOMERO. **Iliada** VI, 476-481)

O discurso de Héctor é francamente associado aos riscos da temida *decadência*,¹ um fantasma no mundo de Homero que também se irradiou para períodos imediatamente posteriores, tal como se observa no *Mito das Raças* e no *Mito de Pandora* de Hesíodo.² No entanto, além dessa lógica que historicamente parece avalizada pelos riscos reais de colapso das sociedades dos séculos X ao IX a.C., há também a expressão paradigmática das importância das relações de parentesco na formação dos agentes. As expectativas que os pais depositavam sobre seus filhos representavam, de um ponto de vista antropológico, tanto um esforço de continuidade da associação dos personagens com o *genos* de origem quanto uma aproximação necessária para a assunção dos papéis sociais tipicamente ligados à idade adulta.³

A série de epítetos é uma das mais evidentes formas de valorização da paternidade nas epopeias. São raras as ocasiões em que determinada personagem é referida em função de sua mãe, mas quase sempre o é em função do pai. Odisseu, por exemplo, é simultaneamente o “querido pai de Telêmaco”, **Τηλεμάχιο φίλον πατέρα** (HOMERO. *Iliada* IV, v. 354) e o “filho de Laertes”, **Λαερτιάδης** (HOMERO. *Iliada* IV, v. 358). Agamêmnon é “filho de Atreu”, **Ἀτρεΐδω** (HOMERO. *Iliada* IX, v. 226), Diomedes é “filho de Tideu”, **Τυδέος υἱέ** (HOMERO. *Iliada* IV, v. 370), etc. Os exemplos são muitos.

A questão da identidade, porém, não é a origem, mas sim o resultado de uma lógica que a antecede. E. R. Dodds foi preciso ao notar que, de acordo com crença na solidariedade familiar arcaica, “a vida do filho era um prolongamento da vida do pai” (DODDS, 2002, p. 41). Segundo Jaa Torrano,

A própria continuidade genealógica entre genitores e gerados não é simples e linear como uma mera relação de causa e efeito, de antecedente e consequente; porque a relação entre genitores e gerados não se dá fundamentalmente como uma referência unívoca de uns a outros, mas como uma imanência essencial da natureza de uns na natureza de outros: a natureza dos filhos está implicada e implícita na dos pais assim como a dos pais continua e se explicita na dos filhos. (TORRANO, 2003, p. 75)

O filho, portanto, não é admitido como mero resultado de um movimento reprodutivo: ele é a expressão, o ícone da continuidade do seu *genos* de origem. A principal preocupação da paternidade, nesse sentido, tem a ver com a projeção que o homem faz de si em relação a seu filho. A assimetria etária assegura uma teleologia dos méritos da prole: o valor paterno no presente, expressão dos esforços guerreiros que busca exibir, deverá se confirmar na geração futura a partir da conduta dos membros incipientes da família. Há uma dimensão de *vir a ser*, identificada, por exemplo, nas palavras de Atena ao jovem filho de Odisseu: “Telêmaco, no futuro, não há de ser fraco ou ignóbil, se recai sobre ti a nobre coragem de teu pai” (HOMERO. **Odisseia** II, vv. 270-271).

Este parece ser o núcleo que rege a formação das crianças e jovens em relação às exigências de seus pais: assumir suas virtudes como referência para a constituição de sua própria identidade como adulto. Esse dispositivo, ainda que do ponto de vista estritamente discursivo, se configura como uma poderosa ferramenta de produção e reprodução da ordem social, pois investe na coesão do núcleo familiar através de uma série de valores que devem ser preservados ao longo das gerações.

Nesse cenário, a ausência paterna é um dos acontecimentos capazes de comprometer a integridade do *oikos* e conduzi-lo à decadência. Louise Pratt ponderou que “não é uma surpresa encontrar alguma reflexão sobre a realidade demográfica de uma grande porcentagem de crianças que na Antiguidade cresceram sem seus pais presentes” (PRATT, 2009, p. 142). Considerando a existência de um filho homem capaz de dar continuidade ao legado paterno e substituí-lo na liderança da comunidade, as narrativas homéricas apresentam algumas soluções que concorrem para atenuar esse problema. O *aedo* de Quios parece resoluto de que a conformação do filho como adulto exige um grau de proximidade com a figura paterna, algo que faltava a dois heróis de destaque: Diomedes e Telêmaco.

Apesar de não dispormos de estimativas, é muito provável que o índice de mortalidade fosse alto e de que a ausência de algum membro da família fosse um fato frequente, especialmente no caso dos homens, geralmente expostos a mais riscos em função das exigências sociais, especialmente o envolvimento nas guerras frequentes. É o caso de Diomedes, que tomamos conhecimento no Canto IV: após Glauco ter discorrido sobre sua linhagem, ele rememora a infância para dizer que não se lembra do pai: “De Tideu não me recordo, já que ele me deixou ainda pequeno quando partiu para Tebas e lá foi morto junto ao exército Acaio” (HOMERO. *Iliada* VI, vv. 222-223).

Temos então o núcleo do problema: como vimos, para evitar o risco da decadência, o filho deve superar seus pais em *excelência*, *ἀριστεία*, mas Diomedes desconhece o pai a quem deve superar. Esse desconhecimento faz dele um guerreiro incompleto e, por correspondência, um adulto incipiente, preso a uma juventude ininterrupta. A única fonte de referência de que Diomedes dispõe é a memória daqueles que conviveram com Tideu, e isso gera um sentido curioso na sua mudança etária: ele se torna adulto de forma mediada, através dos discursos de outrem, em meio à Guerra de Troia. Donald Schüller notou este fenômeno:

Com Diomedes, Homero mostra o surgir do herói. Aquiles, Agamêmnon e Néstor já aparecem como guerreiros no primeiro canto. Diomedes não. O Tideída revela, nas diferentes oportunidades em que o poeta o destaca, novos aspectos de sua personalidade em formação. (SCHÜLER, 2004, p. 66)

Não parece ser fortuito que esse “despertar heroico” de Diomedes tenha sido precedido por uma longa advertência de Agamêmnon. Vendo-o atrelando os cavalos na companhia de Esténelo, filho de Capaneu, o Atrida faz um longo relato das histórias que conhecia a respeito de Tideu; ao final, lança uma provocação no exato ponto em que as personagens são alvos de louvor e censura quando medidos em função de sua ascendência:

*ὦ μοι Τυδέος υἱὲ δαΐφρονος ἵπποδάμοιο
τί πτώσσεις, τί δ' ὀπιπέεις πολέμοιο γεφύρας;
οὐ μὲν Τυδεΐ γ' ὧδε φίλον πτωσκαζέμεν ἦεν,
ἀλλὰ πολὸν πρὸ φίλων ἐτάρων δηῖοισι μάχεσθαι,
[...]*

*τοῖος ἔην Τυδεὲς Αἰτώλιος: ἀλλὰ τὸν υἱὸν
γείνατο εἶο χέρεια μάχη, ἀγορῇ δέ τ' ἀμείνω*

*Óh filho do belicoso Tideu, domador de cavalos!
Por que te escondes e olhas de soslaio as linhas de frente?
Seguro que o esconderijo não aprazia ao costume de Tideu,
que à dianteira dos companheiros se postava nos combates
[...]
Assim era Tideu Etólio, mas o filho por ele
gerado é inferior na guerra, embora melhor nas assembleias.
(HOMERO. **Iliada** VI, vv. 370-373)*

Diomedes permaneceu calado após a dura reprimenda por respeito à primazia do Atrida, mas a mudança significativa no comportamento do filho de Tideu foi francamente notada. O auge de sua violência desmedida pode ser associado aos ferimentos que imputou, com os auspícios de Atena, a Afrodite e Ares quando ambos buscavam proteger os troianos da fúria incontrollável do herói. No caso da primeira, Íris a retirou do campo de batalha quando a deusa via sua “bela pele enegrecida” (HOMERO. **Iliada** V, v. 354). O segundo, por sua vez, fugiu após a lança de Diomedes atingi-lo na altura da cintura e fazer sua pele se rasgar com o ataque, provocando um urro altíssimo de dor (HOMERO. **Iliada** V, vv. 858-861).

A mudança radical, inquestionável, é produto de sua participação na batalha, de sua exposição ao conflito, experiência que ao lado dos debates na *ágora* representava os principais símbolos diacríticos utilizados para o reconhecimento público da idade adulta. Tal direcionamento, contudo, pode ser associado no marco de três experiências, não necessariamente contraditórias, talvez complementares e interdependentes, que ofereceram ao jovem uma dimensão de contato com a paternidade ausente numa medida em que só um ambiente belicoso poderia oferecer.

A primeira tem a ver com a ajuda de Atena, cujas intervenções foram decisivas para que o Canto V nos apresentasse o surgimento de um guerreiro: a deusa outorgou-lhe força (**μῆνος**) e coragem (**θάρσος**) para que ele se fizesse proeminente entre os aqueus e obtivesse a glória (HOMERO. **Iliada**

V, vv. 1-3). A segunda, de acordo com uma leitura de Louise Pratt, vê na relação próxima de Néstor com Diomedes uma substituição da relação paterna (PRATT, 2009, p. 151). Por fim, em terceiro lugar, Diomedes esteve em contato direto com pessoas mais velhas que conheceram Tideu e que não se furtaram de recordar algumas de suas ações guerreiras, de tal forma que a *memória* das ações do pai pode ter mediado esse processo de assunção da idade adulta através de um simulacro da experiência de paternidade.

As epopeias fazem referências a inúmeros casos similares, nos quais agentes mais velhos assumem uma espécie de *tutela paternal* em relação a agentes mais jovens. Tem-se, por exemplo, a situação de Ifidamente, filho de Antenor, mas que foi criado por Cisseu, seu avô materno (HOMERO. **Ilíada** XI, vv. 221-224). Homero também menciona Ímbrio, filho de Mentor, que desposou Medicasta, filha de Príamo, e que foi tratado como um filho pelo rei troiano (HOMERO. **Ilíada** XIII, vv. 171-176). Em todos eles, a sociedade homérica é plenamente capaz de admitir que haja uma dimensão de paternidade capaz de ser assegurada. María Teresa Tejada Molinos observou oportunamente que *mater* não se corresponde exatamente a *pater*, já que no primeiro caso o vocábulo pode ser aplicado a qualquer fêmea com crias, enquanto que o segundo nunca se aplica a animais. Essa diferença se deve ao fato de que a maternidade era considerada um feito natural, enquanto a paternidade era, sobretudo, um feito social e cultural (MOLINOS, 2005, p. 42). Assim, o envelhecimento da criança corresponde à gradual transição dos cuidados maternos para os cuidados paternos.

É exatamente a proximidade com os cuidados paternos que assegurou a maturação de Telêmaco, e diversas similitudes parecem aproximá-lo da experiência de Diomedes. A primeira delas é a presença de Atena, que mais uma vez foi decisiva. No início da **Odisséia**, a deusa intercede junto a Zeus tanto para agir em prol do retorno de Odisseu quanto para atuar junto a Telêmaco, tendo em vista a necessidade de gerar as condições para o massacre dos pretendentes que iria se consumir. Para cumprir esse fim, a deusa declarou:

*αὐτὰρ ἐγὼν Ἰθάκηνδ' ἐσελεύσομαι, ὄφρα οἱ υἱὸν
μᾶλλον ἐποτρύνω καὶ οἱ μένος ἐν φρεσὶ θεῖο,
εἰς ἀγορὴν καλέσαντα κάρη κομόωντας Ἀχαιοὺς
πᾶσι μνηστήρεσσιν ἀπειπέμεν, οἳ τέ οἱ αἰεὶ
μῆλ' ἀδινὰ σφάζουσι καὶ εἰλίποδας ἔλικας βοῦς.*

*πέμψω δ' ἐς Σπάρτην τε καὶ ἐς Πύλον ἡμαθόεντα
νόστον πευσόμενον πατρὸς φίλου, ἦν που ἀκούσῃ,
ἥδ' ἵνα μιν κλέος ἐσθλὸν ἐν ἀνθρώποισιν ἔχησιν.*

*Pois eu própria irei a Ítaca para que possa em seu filho
excitar no peito a valentia herdada de seu pai:
que conclame a assembleia dos Aqueus de longos cabelos
e que se expresse claramente a todos os pretendentes
que abatem seus rebanhos de ovelha e de gado cornocúrveos;
e depois para enviá-lo a Esparta e a Pilos arenosa
para do pai amado indagar a respeito do retorno;
há de assim conquistar grande renome entre os homens.*
(HOMERO. **Odisseia** I, vv. 88-95)

Curiosamente, Homero é explícito ao indicar nos versos imediatamente anteriores que Atena conhecia a situação de Odisseu. A deusa tem ciência de que as informações que Telêmaco buscaria na expedição a Pilos e a Esparta não seriam fornecidas. Depreende-se também que a assembleia a ser convocada não possui qualquer escopo deliberativo. Logo, as recomendações da filha de Zeus possuem uma *finalidade em si*, e não nas ações a que estariam supostamente destinadas. Seu projeto era *deslocar* o filho do herói, submetê-lo a certa ordem de experiências, e as razões para tal vão se tornando claras ao longo da *Telemaquia* quando, transfigurada sob o aspecto de Mentis, fala ao jovem que ele excedeu a idade de agir de modo infantil (HOMERO. **Odisseia** I, vv. 296-297).

O crescimento de Telêmaco é constantemente referendado pela semelhança física que o aproximava do pai. É novamente Atena que, ao perguntar se o jovem era de fato filho de Odisseu, sublinha o quanto os dois seriam parecidos: “em muito te assemelhas a ele na frente e na beleza dos olhos” (HOMERO. **Odisseia** I, v. 208.), ao que Telêmaco responde, exibindo sua frustração por não ter conhecido o pai, de modo muito semelhante ao discurso de Diomedes na **Iliada**:

*‘τοιγὰρ ἐγὼ τοι, ξεῖνε, μάλ’ ἀτρεκέως ἀγορεύσω.
μήτηρ μὲν τέ μέ φησι τοῦ ἔμμεναι, αὐτὰρ ἐγὼ γε
οὐκ οἶδ’· οὐ γάρ πώ τις ἐὼν γόνον αὐτὸς ἀνέγνω.
ὡς δὴ ἐγὼ γ’ ὄφελον μάκαρός νύ τευ ἔμμεναι υἱὸς
ἀνέρος, ὃν κτεάτεσσιν ἐοῖς ἐπι γῆρας ἔτετμε.
νῦν δ’ ὃς ἀποτμότατος γένετο θνητῶν ἀνθρώπων,
τοῦ μ’ ἔκ φασι γενέσθαι, ἐπεὶ σὺ με τοῦτ’ ἐρεεῖνεις.*

*A ti, estrangeiro, vou tudo anunciar com precisão:
Assegura minha mãe que dele sou filho, mas eu mesmo
não sei: não há quem saiba ao certo a própria ascendência.
Neste momento, queria eu ser filho de um homem feliz,
que em meio a seus tesouros encontrasse a velhice.
Mas sabes agora que nasci do mais infeliz dos mortais:
Já que me indagas, saiba que é dele que descendo.
(HOMERO. **Odisseia** I, vv. 213-220)*

A autoridade sobre Ítaca estava indefinida até mesmo para ele, visto que a transmissão hereditária do poder dependia fundamentalmente de seus laços com Odisseu. Em outras palavras, “a natureza da autoridade de Telêmaco em sua casa paterna permanece completamente obscura, particularmente a respeito do novo casamento em potencial de sua mãe, ao passo que ele já teria a idade para decidi-lo” (WÖHRLE, 2009, p. 171). Os esforços de Atena, dessa forma, associam-se não a uma busca por seu pai, mas à busca por uma *experiência paterna* da qual ele permanecia carente, a mesma que Diomedes encontra em meio à guerra e àqueles que conheceram Tideu. De acordo com Latacz,

Telêmaco não sabe o que deveria fazer porque ele não sabe quem ele é. Ele deve encontrar sua identidade. Só então ele poderá agir com força e convicção. E só então ele poderá reencontrar seu pai, porque para reconhecê-lo como sendo verdadeiramente seu pai, é preciso reconhecer-se a si próprio como seu filho. (LATA CZ, 1996, p. 144-145)

Após a assembleia, o jovem dá início aos preparativos da viagem e rumo em direção a Pilos, e diversos autores sugerem que a viagem de Telêmaco é correlata à experiência de Odisseu e aos perigos do mar⁴ que caracterizam o núcleo narrativo da **Odisseia**: ao provocar sua partida, Atena também compele ao jovem o **νόστος** correspondente.

Em Pilos e Esparta, além de ser alvo dos olhares admirados de seus pares, capazes de assinalarem para ele próprio sua descendência, pela primeira vez Telêmaco entra em contato com os ritos de hospitalidade tão cultivados pela aristocracia,⁵ parte importante do aprendizado para a idade adulta, bem como com a *memória* guerreira de Odisseu para além do espaço familiar.

Quando Odisseu finalmente chega a Ítaca, Atena vai a seu encontro. A deusa explica o procedimento do disfarce e indica os caminhos para a chacina dos pretendentes. Em seguida, diz que vai a Esparta para ordenar que Telêmaco retorne, já que para lá o estimulou a ir com vistas a se informar acerca do paradeiro do pai.⁶ Odisseu faz então o questionamento que acima mencionamos: “por que tu própria, que tudo n’alma sabe, não o informaste?” (HOMERO. **Odisseia** XIII, v. 417). É então que Atena declara abertamente seu intento: desejava que o mesmo adquirisse fama excelente através da viagem (HOMERO. **Odisseia** XIII, vv. 422-423).

Telêmaco é uma personagem diferente quando volta. Como observou Finley, “a maturidade era algo que excedia a cronologia; um indivíduo de vinte anos e de tal linhagem e classe tinha que se desenvolver mais rápido e melhor, e reagir ante as circunstâncias que exigem o comportamento do adulto” (FINLEY, 1978, p. 90). Tal desenvolvimento, de acordo com William Smith, era obliterado por Penélope e pelos pretendentes com vistas a mantê-lo para sempre uma criança, mas esse cenário se altera “através de Atena, que assume o papel de um pai que identifica os passos necessários para que alcance a idade adulta” (SMITH, 2010, p. 5).

A partir do Canto XV, porém, a assunção da idade adulta começa a se mostrar visível. Os pretendentes se admiraram com o fato de ter conseguido concluir a viagem e de ter sobrevivido, inclusive, à cilada que eles próprios engendraram para interromper sua maturação.⁷ Telêmaco, contudo, ainda permanecia inseguro a respeito de sua adulez, já que no diálogo com Eumeu e com o falso mendigo (na verdade, Odisseu), volta a se declarar jovem demais para se defender de alguém que inicie uma contenda (HOMERO. **Odisseia** XVI, vv. 71-72).

A mudança inequívoca em sua identidade só ocorre a partir da célebre passagem em que reconhece⁸ o pai (HOMERO. **Odisseia** XVI, vv. 213-215). O encontro é um verdadeiro acontecimento: após a experiência de identificar (e identificar-se com) o pai que há tanto buscava, Telêmaco começa a se compreender como adulto. Eurínome, por exemplo, tranquilizando Penélope, reconhece a maturação do jovem: “agora teu filho atingiu a idade que aos imortais suplicava: o crescimento de sua barba é visível” (HOMERO. **Odisseia** XVIII, vv. 175-176).

Destaca-se, sobretudo, a forma como Telêmaco é visto pelos demais. Ainda mantendo o disfarce de mendigo, Odisseu diz à serva Melanto que, mesmo que o pregresso rei de Ítaca não venha a retornar, existe um filho que, por vontade de Apolo, é tal como ele e que observa tudo que se passa no palácio, pois “ele já possui certa idade” (HOMERO. **Odisseia** XIX, vv. 85-87). Também Penélope, em diálogo com Odisseu disfarçado, menciona que Telêmaco já é um homem (**ἄνθρωπος**) capaz de governar a casa (HOMERO. **Odisseia** XIX, vv. 160-161).

O fim monumental confirma aos ouvintes o amadurecimento de Telêmaco através de sua vinculação com Odisseu.⁹ Em meio aos pretendentes, o jovem reivindica o direito de tentar entesar o arco. O possível sucesso na tentativa teria um valor simbólico, de caráter iniciático, e não prático. Em sua justificativa, o filho de Odisseu declara:

*εἰ δέ κεν ἐντανύσω διοῖστέωσω τε σιδήρου,
οὐδέ κέ μοι ἀχνομένω τάδε δώματα πότνια μήτηρ
λείποι ἄμ' ἄλλω ἰούσ', ὅτ' ἐγὼ κατόπισθε λιποίμην
οἴος τ' ἤδη πατρὸς ἀέθλια κάλ' ἀνελέσθαι.*

*Se puder entesá-lo e com a seta conseguir trespassar o ferro,
não será para mim motivo de dor que minha mãe, rainha,
abandone o paço com outro, pois eu próprio aqui ficaria
ciente de que sou capaz de igualar-me a meu glorioso pai.
(HOMERO. **Odisseia** XXI, vv. 114-117)*

Com essa fala, Homero institui em seus ouvintes a expectativa pela prova do amadurecimento de Telêmaco. Em vão, por três vezes ele tenta estirar o arco. Na quarta tentativa, contudo, os poetas dizem que ele teria conseguido o feito, mas isso arruinaria o plano. Odisseu percebe o sucesso iminente e, com um aceno, sugere que o jovem desista, apesar de sua ânsia (HOMERO. **Odisseia** XXI, vv. 128-130). Assim, fazendo uso da astúcia que herdara do pai, Telêmaco lamenta-se em voz alta, dizendo que seria débil e covarde no futuro, ou que ainda seria demasiado jovem para se defender de alguém (HOMERO. **Odisseia** XXI, vv. 131-133). O que antes era um problema converte-se em uma *estratégia retórica*. A experiência do arco foi, portanto, reveladora: através dela, Telêmaco passa a reconhecer a si próprio, pois se viu capaz de assumir o último predicado associado aos adultos pelas epopeias: após falar nas assembleias e viajar para estabelecer relações de reciprocidade, o jovem compreende-se forte o suficiente para proteger seu *oikos*.

Apesar do certo silêncio sobre os procedimentos dispensados para produzir a gradativa introjeção dos comportamentos esperados,¹⁰ as epopeias são capazes de mencionar, através das experiências dos jovens, o tipo ideal de adulto que o pensamento homérico julgava necessário formar. Fênix, por exemplo, acompanhou Aquiles para fazê-lo conhecedor tanto dos assuntos da guerra quanto das questões da *ágora* (HOMERO. **Iliada** IX, vv. 440-441); Euricleia recorda que o jovem Odisseu fora enviado para a casa do avô Autólico, onde se dedicou à caça do javali que contra ele se insurgiu e provocou a célebre cicatriz (HOMERO. **Odisseia** XIX, vv. 428-466); no torneio em tributo a Pátroclo, Néstor coloca-se ao lado do filho e orienta sobre como deveria proceder para vencer a corrida (HOMERO. **Iliada** XXIII, vv. 306-348).

* * *

Há que reconhecer que, em certo sentido, as narrativas da **Iliada** e da **Odisseia** se desenvolvem por um prisma familiar, ainda que em sentidos opostos, como bem notaram Nancy Felson e Laura Slatkin: a primeira, particularmente através de Héctor, Andrômaca e Astianáx, assinala a ruína iminente de uma família em função da guerra; a segunda, ao contrário, através do reencontro de Odisseu, Penélope e Telêmaco, insinua a recons-

trução do núcleo familiar após a resolução do mesmo conflito (FELSON & SLATKIN, 2004, p. 92). Essa questão está inscrita na lógica geral que simultaneamente diferencia e complementa os poemas: a **Ilíada** é perpassada o tempo inteiro pelo tema da finitude, expresso pelas mortes nas planícies de Troia e pela glória ulterior que arrastam consigo; a **Odisséia**, por sua vez, é associada à luta pela sobrevivência e pela busca da reconstrução após eventos narrados pelo poema mais antigo. Os temas da família e das relações de parentesco, portanto, não são secundários: ao contrário, eles são parte constitutiva da espinha dorsal das antigas récitas aélicas.

Essa dimensão da narrativa é a expressão paradigmática da importância do *oikos* como unidade social básica no período. O *oikos* homérico, além de reunir um grupo de agentes a partir de vínculos consanguíneos, estabelecia uma divisão de papéis e tarefas que permitia a sobrevivência econômica do mesmo grupo. Os sentidos da experiência do *oikos* no âmbito das relações sociais levou Moses I. Finley a sustentar que ele definia, ao lado da classe e dos parentes, as vidas material e psicológica do homem (FINLEY, 1978, p. 93). Pois é exatamente a relação interdependente entre a vida material, marcada pela continuidade do poder econômico e político em uma perspectiva sucessória e hereditária, e a vida psicológica, caracterizada pela expectativa de persistência das virtudes e características paternas, que definia a importância das relações familiares e a ênfase em tais discursos como forma de enfrentar os riscos da decadência.

Diomedes, Telêmaco e outros heróis, privados do contato paterno durante o período mais importante de sua juventude, parecem informar aos antigos ouvintes e atuais leitores uma dupla dimensão do valor guerreiro que acompanhava os personagens mais destacados das epopeias: por um lado, ratificam a importância dos pais para se tornarem heróis, e decorre daí a ênfase e os lamentos pela ausência paterna, mantendo-se consoantes a suas tradições familiares; por outro lado, não se acanham diante das dificuldades oriundas da mesma ausência e aproveitam com galhardia todas as oportunidades disponíveis para superá-la. Em ambos os casos, os pais estavam presentes, ainda que no horizonte da memória, sendo inspiração para a batalha e para a assunção dos papéis sociais necessários à superação de uma juventude, muitas vezes, mais persistente do que deveria ser.

THE FATHERLESS QUESTION IN HOMERIC EPOS: THE ADULTHOOD OF TELEMACHUS AND DIOMEDES

Abstract: The article analyses the importance of fatherhood in the Homeric epos. Through the review of representations of Diomedes and Telemachus, we observe the impact of fatherless in the transition from youth to adulthood.

Keywords: Fatherhood; Homeric poetry; Kinship; adulthood.

Documentação textual

HOMER. **Homeri Opera in five volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1920.

HESIOD. **The Homeric Hymns and HomERICA**. Works and Days. Ed. Hugh G. Evelyn-White. London: William Heinemann Ltd., 1914.

Referências bibliográficas

APTHORP, M. J. The Obstacles to Telemachus' Return. **The Classical Quarterly**, v. 30, n. 1, p. 1-22, 1980.

BLATTERER, H. **Coming of age in times of uncertainty**. London: Berghahn Books, 2009.

CARLIER, P. **Homero**. Madrid: Akal, 2005.

DODDS, E. R. **Os gregos e o irracional**. São Paulo: Escuta, 2002.

DUARTE, A. S. **Cenas de reconhecimento na poesia grega**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

FASANO, G. Z. **Odisea: discurso y narrativa**. Buenos Aires: Edulp, 2004.

FELSON, N.; SLATKIN, L. Gender and Homeric epic. *In*: FOWLER, R. (Org.). **The Cambridge companion to Homer**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2004, p. 91-104.

FINLEY, M. I. **El mundo de Odiseo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

GRIFFIN, J. **Homero**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

HEUBECK, A.; WEST, S.; HAINSWORTH, J. B. **A commentary on Homer's Odyssey I**. Oxford: Oxford University Press, 1988.

LATACZ, J. **Homer: his art and his world**. Michigan: The University of Michigan Press, 1996.

- MERSER, C. **Grown-Ups: a generation in search of adulthood.** New York: G. P. Putnam's, 1987.
- NASH, L. L. Concepts of Existence: Greek Origins of Generational Thought. **Daedalus**, v. 107, n. 4, 1978
- MALTA, A. **A selvagem perdição: erro e ruína na *Iliada*.** São Paulo: Odysseus, 2006.
- MOLINOS, M. T. T. Madres y nodrizas en la Antigüedad. In: GONZÁLEZ, M.; RODRÍGUEZ, M. A. P. **Venus sin espejo: imágenes de mujeres en la Antigüedad clásica y el cristianismo primitivo.** Madrid: Krk Ediciones, 2005.
- PETROPOULOS, J. C. B. **Kleos in a minor key: the homeric education of a little prince.** Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- PRATT, Louise. Diomedes, the fatherless hero of the Iliad. In: HÜBNER, Sabine R.; RATZAN, David. M. (Org.). **Growing up fatherless in Antiquity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SCHÜLER, D. **A construção da *Ilíada*: uma análise de sua elaboração.** Porto Alegre: LP&M, 2004, p. 66.
- SMITH, W. **No longer nepios: the maturation of Telemachos in Homer's "Odyssey".** Ann Arbor: UMI, 2010.
- TAKAHASHI, M. S. **A formação heroica de Telêmaco na *Odisseia de Homero*.** (Dissertação de mestrado - FFLCH, Universidade de São Paulo), 2012.
- THALMANN, W. G. **The swineherd and the bow: representations of class in the Odyssey.** London: Cornell University Press, 1998.
- TORRANO, J. Memória e *Moira*. In: _____. **Teogonia: a origem dos deuses.** São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 75.
- VIDAL-NAQUET, P. **Le chasseur noir: forms de pensée et formes de société dans le monde grec.** Paris: Éditions La Découverte, 2005.
- WÖHRLE, G. Sons (and daughters) without fathers: fatherlessness in the Homeric epics. In: HÜBNER, S. R.; RATZAN, D. M. (Org.). **Growing up fatherless in Antiquity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WHITMAN, C. H. **Homer and the Heroic Tradition.** New York: The Norton Library, 1965.

¹ Dentre outras questões, podemos pontuar a **ἄτη** no marco do temor homérico a respeito da decadência. André Malta traduziu o termo por *perdição* (ressalvando que se deveria dissociar da palavra a tradição cristã), posto que na língua portuguesa ele seria capaz de exprimir o duplo sentido que os gregos admitiam: tal como *construção*, *destruição* e outras palavras com sufixo *-ão*, ela designa tanto a consequência como o ato de alguém se perder (MALTA, 2006, p. 13). Em Homero, a **ἄτη** possui basicamente três sentidos: 1) a ruína, a calamidade, a decadência (portanto, o resultado de alguma experiência de colapso); 2) a cegueira, o erro, o engano, a loucura (ou seja, o desvario que conduz ao colapso); 3) a divindade homônima, à qual geralmente é atribuída a responsabilidade pelas questões anteriores. A divinização da **ἄτη** é uma das expressões do receio de Homero quanto ao problema da ruína. Não sem motivo, a **ἄτη** esteve presente nos dois eventos que definiram o rumo da guerra em relação ao exército aqueu: na contenda de Aquiles com Agamêmnon (o Atrida atribui seu excesso à cegueira que o tomou) e na morte de Pátroclo, que avançou para além do recomendado em direção às fileiras troianas.

² De acordo com Vida-Naquet, de tais mitos “pode-se extrair uma definição simultaneamente antropológica e normativa, exclusiva e inclusiva da condição humana. A exclusão é dupla: o homem hesiódico é o homem da Idade do Ferro, o que significa antes de tudo que não é o da Idade do Ouro, tempo mítico no qual os homens ‘viviam como deuses’, sem velhice e sem morte verdadeira” (VIDAL-NAQUET, 2005, p. 39). Apesar da decadência, há em Hesíodo a expectativa de um retorno aos tempos áureos, desde que se pratique a **δίκη**: neste caso, os benefícios se acumulam e, em meio à fartura que provém da terra e da vastidão de lã que as ovelhas oferecem, o agricultor de Ascra diz que “as mulheres engendram crianças símeis a seus pais”, **τίκτουςιν δὲ γυναικες ἔουκότα τέκνα γονεῶσιν**: (HESÍODO, **Os Trabalhos e os Dias**, 235).

³ Cabe aqui a ressalva de que, no vocabulário homérico, não há qualquer palavra capaz de promover uma associação com os sentidos modernos do termo adulto. De acordo com Harry Blatterer (2009, p. 11), no caso do léxico inglês, a adição da palavra *adulthood* foi relativamente recente e que foi derivada da apropriação da palavra francesa *adulte*, ela própria uma adaptação do século XVI feita a partir do latim *adolescere*. Essa questão também observada por Cheryl Merseur (1987, p. 52), para quem “era-se homem ou mulher se não se fosse uma criança”. Admite-se, contudo, que as palavras *homem*, **ἄνθρωπος**, e *mulher*, **γυνή**, “representam claramente a idade adulta, mesmo que o termo não indique um estágio da vida *per se*” (NASH, 1978, p. 4).

⁴ De acordo com Petropoulos, “para o poema, pai e filho se movem em paralelo, e o filho imita e reexperimenta em menor escala os trabalhos, viagens e, especial-

mente, os atrasos sedutores de seu pai” (PETROPOULOS, 2011, p. 106). Questão semelhante também debatida por M. J. Apthorp (1980, p. 1-22), que identifica no longo período em que o jovem permanece em Esparta um recurso dos poetas para promover esse paralelo entre a sua viagem e o retorno do pai.

⁵ Segundo Carlier (2005, p. 143), “o filho de Odisseu, reconhecido por seus iguais, enriquecido pelos dons de hospitalidade, estaria bem situado para recrutar tropas contra seus adversários”. Cedric H. Whitman (1965, p. 251-252) foi capaz de identificar uma intenção educativa na recepção condigna oferecida por Néstor, pautada por uma lógica moral e por um significado social, contrapondo-se ao banquete desordeiro que os pretendentes praticavam em Ítaca.

⁶ A concomitância do retorno não foi acidental, posto que “Telêmaco e Ulisses aparecem descritos em cenas separadas, e mais tarde se unem” (GRIFFIN, 2008, p. 85). Homero encaminha a narrativa de modo que o retorno de Telêmaco e o de Odisseu apresentem um paralelo.

⁷ A partir de Heubeck (1988, p. 235), é possível entender a emboscada como sendo uma estratégia discursiva que adiciona a noção de risco ao *nóstos* de Telêmaco, além de caracterizar os pretendentes como indivíduos não apenas envolvidos nos excessos de um banquete ininterrupto.

⁸ Conforme Adriane da Silva Duarte (2012) considerou, o tema do reconhecimento [*αναγνώρισις*] tornou-se célebre através da *Poética* de Aristóteles. Para a autora, “o ato de reconhecer implica antes a verificação da existência de um vínculo entre os que o experimentam, mas que lhes era ignorado” (DUARTE, 2012, p. 106). Para Graciela Zecchin de Fasano, “a análise dos discursos que conformam a cena permite compreender que todos eles giram em torno da temática da identidade” (FASANO, 2004, p. 190).

⁹ Como sintetizou Marcelo Sussumo Takahashi, “a formação pela qual passa Telêmaco não faz, assim, transformar o jovem, mas, sim, revelar em sua plenitude aquilo que ele era sem o saber. É a possibilidade de identificação consciente de si mesmo e pelo outro que, então, o legitima e o exulta” (TAKAHASHI, 2012, p. 220). Essa lógica é capaz de questionar a perspectiva psicologizante de William G. Thalmann, para quem a prova do arco pode ser entendida como um círculo competitivo: “Telêmaco precisa simultaneamente assegurar sua própria formação como homem e cooperar com Odisseu a partir de uma posição necessariamente subordinada. Telêmaco é, implicitamente, um rival de seu pai” (THALMANN, 1998, p. 206).

¹⁰ Principalmente a respeito dos eventos experienciados pelos jovens que se deslocavam de sua casa paterna para receber orientação de um tutor em outra localidade, tal como se deu com Orestes em Atenas ou com Neoptólmo em Esquiro (HOME-RO. *Iliada* XIX, v. 326).